

CURIOSIDADES LEOPARDIANAS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA

MARIAGRAZIA RUSSO*

O GRANDE INTERESSE DE GIACOMO LEOPARDI por tudo o que diz respeito ao campo linguístico (teórico e aplicado)¹, filológico²

* Diretora da Faculdade de Interpretação e Tradução e Professora Catedrática de Língua e tradução Portuguesas da Università degli Studi Internazionali di Roma (UNINT). Na Università degli Studi della Tuscia de Viterbo, onde foi Professora Sociada durante 15 anos, era responsável da Cátedra do Instituto Camões. Autora de várias obras na área da Literatura, da História e da Língua em relação aos países de língua portuguesa. Numerosos os estudos de arquivos e fundos de bibliotecas com documentos inéditos que dizem respeito a Diogo do Couto, João de Barros, à Embaixada portuguesa à China no século XVIII, aos Jesuítas portugueses expulsos de Portugal na época pombalina e à linguística e historiografia missionária. Um dos temas de pesquisa é também a toponomástica ibérica. mariagrazia.russo.roma@gmail.com

¹ Cf. entre outros: Iginio Tanta, *La teoria della lingua in Giacomo Leopardi*, Roma, Gopa, 1959; Salvatore Battaglia, “La dottrina linguista di Leopardi”, *Filologia e letteratura*, 10, 1964, pp. 1-44; Tristano Bolelli, “Leopardi linguista”, *Studi e Saggi linguistici*, Supl. *Italia dialettale*, n. s. 16, 39, 1976, pp. 1-23, depois em Id., *Leopardi linguista ed altri saggi*, Messina-Firenze, G. D’Anna, 1982 (e Abano Terme, Francis-ci, 1987); Stefano Gensini, *Linguistica leopardiana. Fondamenti teorici e prospettive politico-culturali*, Bologna, Il Mulino, 1984; Marcello Andra; Paola Zito (a cura di), *Giacomo Leopardi. Circa la natura di una lingua. I materiali della polizzina autografa del 1827*, Palermo, Novecento, 1998; Stefano Gensini (a cura di), *Giacomo Leopardi. La varietà delle lingue. Pensieri sul linguaggio, lo stile e la cultura italiana*, Scandicci, La Nuova Italia, 1998.

² Cf. Francesco Moroncini, *Studio sul Leopardi filologo*, Napoli, A. Morano, 1891; Benvenuto Terracini, “Leopardi filologo”, *Cursos y conferencias*, 12, Buenos Aires, 1943; Sebastiano Timpanaro, *La filologia di Giacomo Leopardi*, Bari, Laterza, 1978.

e tradutológico³ tem sido amplamente desenvolvido pelos críticos que têm repetidamente destacado a riqueza temática e o aprofundamento científico realizados pelo poeta italiano numa perspetiva quer diacrónica quer sincrónica. Dentro desta fertilidade linguística, no entanto, o âmbito do português resulta ser o mais carente⁴. De facto, na biblioteca dos condes Leopardi, onde há numerosos dicionários de línguas clássicas e de várias línguas europeias modernas, não existem nem gramáticas nem vocabulários da língua lusitana⁵. Devido a essa escassez de ferramentas lexicográficas, Giacomo no *Zibaldone* nos dias 8 e 9 de julho de 1821 (n.º 1299) afirma: “lingua Portoghese, dialetto considerabilissimo della spagnuola”⁶. No entanto, esta frase, que parece quase uma ofensa à língua portuguesa, brota de dois fatores: o primeiro é a imagem que naquela época se tinha em toda Europa da língua portuguesa, e o segundo é o facto que, de toda forma, Giacomo Leopardi julga esta língua “considerabilissima”. Pelo que diz respeito à primeira consideração, é sabido que

³ Cf. Riccardo Massano, *Finalità e caratteri del tradurre nel pensiero dei primi romantici italiani*, *Atti dell'Accademia delle Scienze di Torino*, 94, 1959-1960, pp. 373-378, 388-389; Lucienne Portier, “Lo spirito della traduzione in Giacomo Leopardi rispetto all’800”, *Leopardi e l'Ottocento. Atti del II Convegno Internazionale di studi leopardiani*, Firenze, 1970, pp. 551-557; Saverio Orlando, “Il pessimismo antico nel Leopardi traduttore”, *Studi in onore di Alberto Chiari*, Brescia 1973, 2, pp. 911-937; Rienzo Pellegrini, “La traduzione letteraria nel pensiero del Leopardi”, *Lettere italiane*, 30, 2, 1978, pp. 163-184; Anna Dolfi; Adriana Mitescu, *La corrispondenza imperfetta. Leopardi tradotto e traduttore*, Roma, Bulzoni, 1990.

⁴ Veja-se a esse respeito Mariagrazia Russo, *Um só dorido coração. Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria di lingua portoghese*, Viterbo, Sette Città, 2003, pp. 19-23.

⁵ O espólio foi feito a partir dos catálogos antigos redigidos na época em que Giacomo Leopardi consultava a biblioteca, excluindo portanto os livros entrados posteriormente.

⁶ Sobre o conhecimento limitado da língua portuguesa pelo poeta de Recanati, Roberto Barchiesi, em “Camões e os Lusíadas na obra de Giacomo Leopardi”, *Estudos Italianos em Portugal*, 17-18, 1958-1959, pp. 40-51, afirma que em Giacomo Leopardi “Portugal e a sua língua ocupam um lugar secundário” (p. 41).

no século XIX o termo ‘Espanha’ e, portanto, ‘espanhol’, era frequentemente usado como sinónimo de península ibérica. O binómio Portugal-Espanha é usado no próprio Portugal, uma vez que, apenas para referir um caso, nos últimos vinte anos do século XVIII, Luís Francisco Xavier Coelho no seu volume *Obras de Luís de Camões* escreve: “Príncipe dos Poetas de Hespanha”⁷. Quase um século depois, Ramiro Ortiz, examinando a relação entre o poeta de *O infinito* e Espanha, parece quase partilhar a categorização fornecida por Giacomo, afirmando que “il Leopardi sapeva che il provenzale sta col francese, e il portoghese collo spagnolo, e che la famiglia delle lingue neolatine si completa col valacco”⁸. A posição de Leopardi em relação ao português, mencionada por Ramiro Ortiz, pode ser encontrada na carta de Giacomo a Pietro Colletta (um patriota italiano), escrita em Recanati no mês de março de 1829⁹:

Parallelo delle cinque lingue delle quali si compone la nostra famiglia di lingue colte; cioè greca, latina, italiana, francese e spagnuola. La valacca non è lingua colta; nondimeno anche quella si toccherebbe qualche cosa in trascorso; la lingua portoghese sta colla spagnuola.

⁷ Lisboa, Officina Luisiana, 1779-1780.

⁸ “Leopardi e la Spagna”, *Academia Româna. Memoriile Sectiunii literare*, s. 3, t. I, Mem. 7, 1924, pp. 41-56 e 301-430 [79], que retoma na íntegra a nota 1 de Francesco Colagrosso, *La teoria leopardiana della lingua. Memoria letta alla R. Accademia di Archeologia lettere e belle arti*, tip. della R. Università, Napoli, 1905, *Rendiconto dell'Accademia di Archeologia lettere e belle arti di Napoli*, 19, 1905 (depois introduzido id., *Studi stilistici*, Livorno, Raffaello Giusti, 1909, pp. 75-154: a partir de agora as referências são extraídas dessa última edição), p. 79: “Il Leopardi sapeva che il provenzale sta col francese, e il portoghese con lo spagnuolo, e che la famiglia delle lingue neolatine si completa col valacco”.

⁹ É a n.º 1440, II vol., pp. 1634 s.: do apógrafo Viani, no Archivio di Stato de Reggio Emilia, Carte Viani, 38, pp. 256 s.. Para as cartas consultou-se a edição organizada por Franco Brioschi e Patrizia Landi, *Giacomo Leopardi. Epistolario*, Torino, Bollati Boringhieri, 1998, 2 vols. (n. 1406, p. 203).

O *Dizionario degli europeismi*, pensado por Giacomo Leopardi desde 1821, no qual o autor teria gostado de recolher as reflexões de caráter linguístico conduzidas nos anos 1819-22, faz do literato recanatense um estudioso atento da linguística comparada, com particular referência ao âmbito das línguas românicas. Note-se também a atenção filológica que Giacomo Leopardi reserva para a língua portuguesa, fazendo referência explícita a um termo: “furtare” do qual ele observa “si trova in alcune scritture latine-barbare portoghesi presso il Du-Cange” (n. 1563, 25 de agosto de 1821). Essa investigação foi realizada e relatada apenas um mês após a sua afirmação de que a língua portuguesa era um “dialetto considerabilissimo della spagnuola”. Por outro lado, a posição do português entre as línguas de origem latina não é muito clara para o próprio Giacomo que, poucos anos antes da carta a Colletta - exatamente a 12 de maio e a 6 de dezembro de 1823, em dois passos do mesmo *Zibaldone*¹⁰ até agora não adequadamente avaliada pelos críticos - parece considerar o português com outro valor: “comune rustico romano, ossia [...] quella lingua in cui degenerò il latino d’Europa ne’ bassi tempi, che si parlò in tutta l’Europa latina, e da cui nacquero le lingue italiana, francese, spagnuola, portoghese, e i loro dialetti”; “La lingua greca appartiene veramente e propriamente alla nostra famiglia di lingua (latina, italiana, francese, spagnuola, e portoghese)”. O idioma lusitano nessas duas passagens é, portanto, considerado ao mesmo nível das outras línguas românicas, incluindo-a numa lista sem a diferenciar das outras e sobretudo considerando outros “dialetti” sem calcular nesses o português.

Ainda mais, o poeta de Recanati manifesta um interesse explícito pelos portugueses quando, em uma nota incluída no *Zibaldone*, escrita em Florença a 11 de setembro de 1828¹¹, um ano antes da carta a Colletta, transcreve algumas

¹⁰ Os n.ºs 2687 e 3946 (no *Epistolario*, p. 282).

¹¹ N.ºs 4374 e 4375.

passagens de uma recensão por Georges-Bernard Depping (1784-1853), um historiógrafo franco-alemão, com o título *Observations sur le meilleur systhème d'ortographie portugaise*, publicado no número de setembro de 1827 (n.º 9, artigo n.º 216, p. 217) publicada no *Bulletin Universel des Sciences et de l'Industrie. Septième Section: Bulletin des Sciences Historiques, Antiquités, Philologie; rédigé par M. Champollion* (publié sous la direction de le M. le Baron de Férussac, Dufour et d'Ocagne - Treuttel et Würtz, Dondey-Dupré, Paris)¹². Depping no *Bulletin* resume um contributo de Rodrigo Ferreira da Costa (1776-1825), publicado na *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*¹³ com o título “Reflexões e observações prévias para a escolha do melhor systema de orthografia portugueza: e deducção dos seus principios capitaes”. Este artigo trata “Dos systemas de escripta: suas vantagens e inconvenientes”, “Do poder competente á pronuncia e á etymologia sobre a escripta: e ás avessas”, “Como sustentaremos as etymologias gregas e latinas na escripta portugueza”, “Dos signaes da escripta portugueza: e dos seus valores, e emprego na formação das syllabas”. Rodrigo Ferreira da Costa já publicara, em 1818, um *Tractado de ortographia portugueza, deduzida das suas tres bases: a pronunciação, a etymologia e o uso dos doutos* (Lisboa, Impr. Regia). Ferreira da Costa tinha examinado no seu artigo as difíceis escolhas gráficas feitas pela Academia de Lisboa ao redigir o seu *Dicionário da língua portuguesa*, publicado em 1793. Depois de transcrever algumas frases da recensão de Depping ao artigo

¹² No *Zibaldone* esta revista é definida por Giacomo Leopardi simplesmente como *Bulletin de Férussac* do nome do diretor André-Etienne-Juste-Pascal-Joseph-François d'Audebard de Férussac que a tinha fundado poucos anos antes, em 1824, e que o poeta consultou sobretudo em 1828: nos meses de julho (desde o dia 24 até ao dia 31), de agosto (10-13 e 31) e de setembro (2, 9-11, 13, 14 e 16 e 17). Giacomo terá consultado este *Bulletin* numa biblioteca de Florença porque não consta na sua Biblioteca.

¹³ O artigo de Rodrigo Ferreira da Costa foi publicado em 1823 (p. 1, t. 8, pp. 102-152).

de Ferreira da Costa, Leopardi deduz o seguinte: “Risulta dalle sue osservazioni che l’ortografia portoghese non è ancora fissata”, uma frase que poderia ser considerada bem atual.

Sobre este *Bulletin* Carlo Dionisotti afirmava que “Leopardi lo scoprì nel luglio del 1828 a Firenze, nel Gabinetto Vieusseux, e ne fece assiduo uso durante l’estate”. Entre outras coisas, Leopardi “escluse per lo più dalla consultazione di periodici stranieri, trovandoseli a un tratto sotto mano, [...] li percorreva sistematicamente, come opera in più volumi, senza riguardo alla novità, all’ultimo volume o fascicolo apparso”¹⁴.

Giacomo, portanto, embora não conhecendo diretamente o trabalho do linguista português Rodrigo Ferreira da Costa, nem possuindo outras ferramentas bibliográficas válidas de apoio a esse assunto linguístico, sente a necessidade de conhecer mais plenamente os aspetos da língua portuguesa. E ainda, é de notar que toda a Europa, nas primeiras décadas do século XIX, não demonstrava amplo conhecimento do português. O próprio Jean-Charles-Leonard Simonde de Sismondi (1773-1842) - dos quais, no entanto, segundo o catálogo da R. Deputation, a casa dos condes Leopardi não parece possuir nenhuma obra, embora Giacomo mostrasse claramente o seu conhecimento a partir de setembro de 1826¹⁵ - no volume que o faz contar entre os fundadores da literatura romântica, *De la Littérature du Midi de l’Europe*¹⁶, embora avise os leitores que entre o espanhol e o português “le passage [...] n’est point aussi facile qu’on pourrait le

¹⁴ Cf. Carlo Dionisotti, *Appunti sui moderni. Foscolo, Leopardi, Manzoni e altri*, Bologna, Il Mulino, 1988.

¹⁵ Cf. uma carta escrita por Giacomo a Antonio Fortunato Stella desde Bologna a 13 de setembro de 1826 (n.º 991, I vol., pp. 1236-1240 [1237]), na qual ele expressa alguns pareceres avançados por Sismondi sobre Dante e Petrarca.

¹⁶ Treuttel et Wurtz, Impr. de Chapelet, Paris-Strasbourg 1813, 2 ts.: veja-se em particular o cap. 36, “Littérature portugaise jusqu’au milieu du seizième siècle”. Na ed. consultada H. Dumont, Bruxelles 1837 as citações que seguem encontram-se na p. 495.

croire d'abord", ele argumenta mais tarde "Le portugais est du castillan contracté et adouci", e ainda "Le portugais est du castillan contracté", "Le portugais est une contraction du castillan". A justaposição do português ao espanhol por Leopardi parece de facto justificada também pelas orientações dos estudos linguísticos a ele contemporâneos.

Entre outras coisas, examinando o léxico espanhol inserido pelo poeta de Recanati em suas digressões filológicas, tema já exaustivamente estudado por Alessandro Martinengo¹⁷, pode-se notar que quase o 40% das 518¹⁸ palavras consideradas pelo hispanista italiano é graficamente idêntico ao português. Trata-se exactamente de 204 termos (nos quais incluímos também palavras como "adonde" e "corregido" ou outras cuja divergência resulta apenas no acento (como "estío"), assi como os pronomes ("vos" e "nos"). Em particular distingue-se o grupo de palavras que em português têm o [f] inicial e em espanhol o [h]: fazer, ferido e ferir, figo, formiga, forca, forno, fumo, furtar e furto, fuso.

E há mais um aspeto: Leopardi no n.º 3051 do *Zibaldone*, em uma nota datada de 27 de julho de 1823, escreve em relação à palavra esperança: "Voce non esistente nel latino scritto, comune però alle tre lingue figlie. Speranza, espérance, esperança, cioè sperantia, verbale di spero": os índices das várias edições do *Zibaldone*, bem como a lista elaborada por Martinengo, contemplam sem razão o termo *esperança* como "espanhol". Será, no entanto, pelo menos de supor, dado o seguro conhecimento da língua espanhola por Giacomo Leopardi, que ele soubesse que o grafema ç já não era usado na língua castelhana do século XIX, sendo pelo

¹⁷ Alessandro Martinengo, "Indice delle parole spagnole di cui tratta Leopardi nello *Zibaldone* e negli Scritti filologici", *Studi di filologia romanza offerti a Silvio Pellegrini*, Padova, Liviana, 1971, pp. 279-313; depois ampliado em id., "La Spagna e lo spagnolo di Leopardi", *Lettere Italiane*, 24, 2, 1972, pp. 146-164 (cf. também a recensão de Graziella Corsinovi *Rassegna della letteratura italiana*, 76, 2-3, 1972, pp. 511 ss.).

¹⁸ A este número poder-se-iam acrescentar mais 27 palavras entre sufixos e prefixos.

contrário utilizado - e ainda o é - na língua portuguesa; e, embora em uma passagem de seus pensamentos ele se refira à “zediglia spagnola”¹⁹, é fácil ver mais uma vez o termo “spagnolo” como sinónimo de ‘ibérico’. Além disso, o poeta recanatense na passagem indicada não cita a palavra *esperança* como castelhana: fala apenas de “tre lingue figlie” (“três línguas filhas”); e embora Leopardi considere mais de uma vez como as principais línguas românicas italiano, francês e espanhol, não é de rejeitar totalmente a suposição de que, neste contexto, se quisesse referir exactamente ao português. Em qualquer caso, a língua espanhola no *Zibaldone* é tão semelhante à portuguesa que não surpreende a consideração de Leopardi da língua lusitana como uma variante salientável do espanhol.

Entre outras coisas, Giacomo Leopardi era capaz de perceber adequadamente o português graças ao seu conhecimento do espanhol. O poeta recanatese declara abertamente em um trecho de 30 de setembro de 1823 do *Zibaldone*²⁰:

La lingua francese, quanto all'origine [...] forma una famiglia colla greca, latina, italiana, spagnuola, ma la letteratura francese appartiene ad un'altra famiglia, e le quattro letterature suddette formano una famiglia da se (aggiunta la portoghese ch'io comprendo ed intendo sotto la spagnuola).

Obviamente, se Leopardi já tivesse sido capaz de entrar naqueles anos em aspetos fonéticos ou morfossintáticos (como ele parece querer fazer em 1828), ou se ele tivesse tido a possibilidade de ampliar o seu conhecimento lexical, ou se tivesse lido mais cuidadosamente e antes de 1826 o mesmo Sismondi, indubitavelmente as considerações linguísticas sobre a língua portuguesa, teriam sido de outra consistência.

¹⁹ Cf. n.ºs 711 e 712 do *Zibaldone*, escritos respectivamente nos dias 2 e 3 de março de 1821.

²⁰ *Zibaldone*, n.º 560.

De toda forma, percebe-se dos trechos do *Zibaldone* aqui examinados que Leopardi estava curiosamente interessado na língua desta terra tão longe e tão perto da qual conhecia, entre outros, autores como Luís de Camões, Padre António Vieira, Leão Hebreu.